



AS CRÔNICAS DA CAMPISTA WALNIZE CARVALHO: interpretação, memória e escrita

Williane de Sá Marques

(Especialista em Literatura, Memória Cultural e Sociedade e Licencianda em Letras-
IFFluminense)

Resumo: Considerando a efervescência da produção jornalística e literária em Campos dos Goytacazes, faz-se oportuna uma pesquisa dedicada às crônicas de autores campistas. A partir dessa proposição e da conceituação desse gênero textual como um relato circunstancial híbrido entre o jornalismo e a literatura, este trabalho tenciona refletir acerca dessa condição por intermédio das crônicas de Walnize Carvalho. Para isso, recorreu-se a seis textos publicados nos jornais *Monitor Campista* e *O Diário* entre 2002 e 2017. Em síntese, este trabalho busca elaborar uma análise interpretativa e, assim, confirmar a hipótese de que essas crônicas se constituem como leituras do mundo, resgates memorialísticos e manifestações espontâneas da escrita.

Palavras-chave: Crônica, Memória, Interpretação, Escrita, Campos dos Goytacazes

1. Introdução

São muitos os autores e pesquisadores que dedicaram suas obras e carreiras ao estudo do gênero textual crônica, ainda que o “fazer cronístico” fosse considerado “menor” se comparado a outras atividades literárias mais conceituadas — como, por exemplo, a poesia, o romance, o conto etc. No entanto, são escassos os trabalhos voltados para as crônicas regionais, isto é, textos jornalístico-literários produzidos em determinada região do país e que tratam de temas comuns, sobretudo, àqueles que ali residem.

Considerando a efervescência da produção jornalística e literária em Campos dos Goytacazes, município situado na região norte do Estado do Rio de Janeiro — berço do *Monitor Campista*, o terceiro mais antigo do Brasil; e do conceituado escritor José Cândido de Carvalho, autor de uma das principais obras da literatura brasileira¹ — faz-se oportuna uma pesquisa dedicada às crônicas de autores nascidos nesse lugar.

Ademais, o gênero crônica propicia uma série de interpretações e análises, uma vez que representa, fundamentalmente, uma espécie de “insubordinação” às normas literárias, isto é, o cronista não precisa se ater a diretrizes estruturais pré-fixadas, visto que os textos dessa ordem são caracterizados pela proximidade com a oralidade, pela liberdade argumentativa e por certa efemeridade, pautando-se na memória, na visão do mundo e no estilo de seus autores.

¹ Refere-se ao romance *O coronel e o lobisomem* (1964), ambientado no interior fluminense, e considerado um dos pilares do realismo mágico brasileiro. O livro ainda foi adaptado ao cinema pelo diretor Maurício Farias em 2005 e estrelado pelo ator Diogo Villela no papel do narrador-protagonista, o Coronel Ponciano de Azevedo Furtado.



Com base nessa perspectiva, este trabalho objetiva relacionar estes três tópicos: a crônica como interpretação de contextos sociais e regionais (leitura do mundo); como resgate memorialístico; e como manifestação espontânea da linguagem escrita. Para isso, recorreu-se a seis textos de autoria da cronista Walnize Carvalho publicados em dois jornais da região — *Monitor Campista* e *O Diário* — entre os anos de 2002 e 2017. A escolha por esta autora deu-se pelo prestígio conquistado por ela e por seu pai, o poeta e romancista Waldir Pinto de Carvalho, junto à sociedade campista.

A partir das conceituações do gênero textual crônica desenvolvidas por autores como Antonio Candido (1992), Afrânio Coutinho (2003), Massaud Moisés (1989) e Jorge de Sá (1987), este artigo busca apresentar os textos de Walnize Carvalho e elaborar uma análise interpretativa considerando os aspectos descritos acima: a leitura do mundo, a expressão da memória e o caminho utilizado pela autora para o desenvolvimento da escrita.

A intenção é confirmar a hipótese de que essas crônicas têm relação com o meio em que foram produzidas e com as recordações pessoais de Carvalho, bem como afirmam os estudiosos desse gênero. Este trabalho configura-se, portanto, como um “artigo de análise”, de acordo com a conceituação de Marina de Andrade Marconi e Eva Maria Lakatos (2010, p. 263), uma vez que se propõe a analisar “cada elemento constitutivo do assunto e sua relação com o todo”. Assim, os textos escolhidos serão analisados a fim de que se compreendam os conceitos e ideias centrais expostos pela autora.

A primeira parte deste trabalho é dedicada à definição e à história do gênero textual em questão, apoiadas em bibliografia especializada. Já a segunda parte constitui-se dos elementos que circundam a crônica, como a factualidade que desencadeia a produção desses textos, a reflexão realizada por meio da memória do autor, e os caminhos que levam à escrita do mencionado gênero. Esses elementos também são apresentados por meio de referências recolhidas em livros, artigos e publicações em revistas de autores como Henri Bergson (1999) e Michael Pollak (1992), que tratam da memória; além de outros que descrevem os caminhos da atividade cronística. Já na quarta e última seção, relata-se parte da história de Campos e da escritora Walnize Carvalho e, em seguida, expõem-se as crônicas e a breve análise desses textos com base nos aspectos considerados nas seções anteriores.

É importante destacar que a relevância deste artigo se justifica pela carência de estudos relacionados às crônicas produzidas por autores campistas. Destaca-se, ainda, que não há pretensão de esgotar a exposição de dados e a discussão acerca do gênero textual crônica ou sobre as crônicas produzidas em Campos dos Goytacazes neste artigo; ao contrário, pretende-se introduzir o tema e, assim, contribuir para futuras pesquisas que tenham como objeto a produção textual jornalístico-literária, principalmente no que tange ao município em questão.

2. A condição da crônica

Conceituar crônica não é, necessariamente, uma tarefa simples. Isso porque esse gênero textual possui características móveis e flutuantes que implicam certa dificuldade em traçar um padrão pré-moldado de escrita. Padrão esse que, em tese, deveria ser seguido por aqueles que se sentem compelidos a aventurar-se por esse caminho. Quando o assunto é a narrativa cronística, não há modelos ou padrões. Seus atributos confundem-se com os de gêneros literários canônicos, como conto e/ou a poesia, e até com gêneros jornalísticos, como o artigo de opinião. Todavia há alguns preceitos que os estudiosos da área indicam como pontos determinantes para designar um texto como crônica.

De início, considera-se importante citar a etimologia da palavra *crônica* para auxiliar a conceituação desse gênero. O escritor e crítico literário brasileiro, Davi Arrigucci Júnior



(1985) lembra que o termo tem origem no grego *krónos*, que significa *tempo*. Esse sentido expressa a condição da crônica como um relato associado à temporalidade, isto é, a contação de um episódio registrado em certo espaço temporal. Supõe-se, portanto, que a crônica teria uma correspondência memorialística e/ou factual.

Outro aspecto que contribui para o estabelecimento de uma relação entre a crônica e circunstâncias reais é a publicação desta em jornais. Aliás, no Brasil, o estabelecimento do gênero em questão teria ocorrido por intermédio da imprensa, em meados do século XIX. Quem afirma isso é o autor William Valentine Redmond (2010). Ele explica (2010, p. 137) que as crônicas derivam dos folhetins, impressos nas páginas dos periódicos, caracterizados "por uma autonomia estético-estilística" e publicados em sequências, envolvendo o leitor, ávido por acompanhar a história ali contada. Até que, com o passar do tempo, esses relatos tomaram outro rumo. Como ilustra o literato Antonio Candido:

Aos poucos o folhetim foi encurtando e ganhando certa gratuidade, certo ar de quem está escrevendo à toa, sem dar muita importância. Depois, entrou francamente pelo tom ligeiro e encolheu de tamanho, até chegar ao que é hoje (CANDIDO, 1992, p. 15).

Entretanto, faz-se necessário lembrar que o contexto que permeia o advento da crônica não é uma unanimidade entre os estudiosos da área. Jorge de Sá (1987), por exemplo, acredita que esse gênero surgiu muito antes. Tanto que, para ele, a primeira crônica nacional seria a famigerada Carta de Pero Vaz de Caminha, que narra os fatos que sucederam o descobrimento do Brasil ao rei de Portugal. Ainda assim, Sá assume que o gênero passou por transformações e foi lapidado no final do século XIX por João do Rio, autor responsável pela roupagem atual da crônica, uma vez que, em seus textos, este comentava os acontecimentos reais, mesclando-os com toques ficcionais.

O autor André de Freitas Simões (2009) vai além quando afirma que existe um modelo brasileiro de crônica que se estabeleceu na década de 1930, com a fixação do Modernismo no Brasil e o surgimento de autores como Rubem Braga, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, entre outros. Segundo ele, é neste período que a crônica ganha um espaço próprio nos jornais, independente dos folhetins.

Nada obstante, seja qual for a origem do gênero, alguns traços estilísticos também contribuem para a sua definição. Um dos principais estudiosos da teoria literária que se debruçou sobre a crônica é Massaud Moisés (1989). Este ressalta o estilo marcado pela oralidade e pela temática, comumente embasada em relatos de episódios cotidianos. Antonio Candido (1992, online) concorda ao afirmar que as crônicas têm uma "composição solta", assumem um "ar de coisa sem necessidade" e se ajustam "à sensibilidade de todo o dia". Outro autor, Afrânio Coutinho (2003), reitera essas peculiaridades ao afirmar que o gênero possui marcas de flexibilidade, de mobilidade e até mesmo de irregularidade.

Híbrida entre o jornalismo e a literatura, a crônica explora a função poética da linguagem, mobilizando recursos estéticos, ao abordar devaneios memorialísticos, reflexões quanto à condição humana e conjecturas diversas, e comentar fatos ou assuntos de interesse público com parcialidade. O jornalista e professor Marcelo Coelho (2002, p. 156) concluiu que a crônica "se apresenta como um texto literário dentro do jornal, e que sua função é a de ser uma espécie de avesso, de negativo da notícia".

Quanto à amplitude temática citada acima, esta impeliu vários estudiosos a segregarem a crônica em nichos a partir da década de 1950, quando teria ocorrido "o auge" do gênero no país (SIMÕES, 2009, p. 55). Entre esses "subgêneros" estão a crônica-reportagem; a crônica-



comentário; a crônica-poema; a crônica-humorística; etc. — mas, em suma, todas as segmentações partilham características-base. Redmond (2010) resume:

A crônica brasileira explora uma linguagem lírica, irônica, casual, ora precisa, ora vaga, amparada por um diálogo rápido e certo. Registra o circunstancial e o efêmero; o real é recriado com engenho e arte. Cultiva a função poética da linguagem, imprime leveza ao discurso, revela e valoriza, na visão do autor, a crítica de um momento histórico, atenuando o vínculo de temporalidade que eterniza o texto. A crônica, por possuir uma linguagem que se aproxima do modo de ser mais natural das pessoas, age como uma quebra monumental e dá ênfase aos fatos, apresentando uma singularidade insuspeitável (REDMOND, 2010, p. 139-140).

Ressalta-se que esses atributos motivaram a classificação da crônica como um “gênero menor”. Esse rótulo surgiu devido à comparação com os gêneros canônicos da literatura, visto que, ao contrário destes, a crônica é, comumente, curta, informal, despretensiosa e bem próxima do leitor, considerando os assuntos que aborda e a linguagem adotada por seus autores. Sobre essa questão, Candido (1980) dispara que o fato de o gênero não ser reconhecido como literatura plena aproxima-o dos leitores.

Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e período candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitada. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e nas suas formas mais fantásticas [...] isto acontece porque não tem pretensões a durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa. [...] Por se abrigar neste veículo transitório, o seu intuito não é o dos escritos que pensam em "ficar", isto é, permanecer na lembrança e na admiração da posteridade [...]. Por isso mesmo, consegue quase sem querer transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um (CANDIDO, 1980, p. 90).

Essas considerações levam à compreensão de que a crônica está intrinsecamente ligada ao contexto temporal e local de produção; à interpretação autoral; ao resgate e expressão memorialística, seja individual ou coletiva; e, ainda, à apropriação do texto como manifestação espontânea da escrita. Esses temas que circundam o gênero crônica são desenvolvidos na seção seguinte.

3. Leitura do mundo, expressão da memória e caminho para a escrita

Apoiando-se nas conceituações e panoramas expostos na seção anterior deste artigo, é possível afirmar que a produção de uma crônica está atrelada a uma série de outras ações voltadas à memória, à factualidade e à liberdade argumentativa textual. Percebe-se que o cronista, sendo um sagaz observador do ambiente em que está inserido, um saudosista por excelência e um profissional da palavra — ou, como bem definiu o escritor Affonso Romano de Sant'Anna (1988), "o cronista é um escritor crônico"² —, esse expõe em texto a leitura que faz do mundo, a expressão de suas recordações e os caminhos que percorre e que o levam a manifestá-los. Nesse sentido, faz-se pertinente apresentar algumas concepções sobre esses pontos enumerados acima a fim de contribuir para a compreensão desse gênero textual e suas implicações.

A começar pela memória, reitera-se que um dos comportamentos comuns ao cronista é a elocução ao sabor das próprias recordações. O filósofo francês Henri Bergson (2006)

2 Título de uma crônica do autor publicada originariamente no jornal *O Globo*, em 12 de junho de 1988. Disponível em: <http://www.releituras.com/arsant_ocronista.asp>.



contribui para a elucidação dessa percepção a partir da conceituação de memória. Ele a divide em dois tipos: a memória aprendida — que se registra por meio da repetição e do hábito — e a lembrança de um acontecimento (representação). Esta “registraria, sob a forma de imagens-lembranças, todos os acontecimentos de nossa vida cotidiana à medida que se desenrolam” (BERGSON, 2006, p. 88). Para Bergson (2006, p. 91), essa lembrança seria, efetivamente, a memória “por excelência”.

Mariana Jantsch Souza (2014) acrescenta que a lembrança não é uma cópia do passado, mas uma impressão do sujeito sobre ele. O que acontece, portanto, é uma espécie de recuperação do passado adaptado ao presente. Em síntese, a memória ordena e relê os acontecimentos passados, bem como fazem os cronistas. Outro autor que postula a respeito do tema é Michael Pollak (1992). Este afirma que a memória seria configurada a partir de dois elementos:

Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não (POLLAK, 1992, p. 201).

Entende-se, portanto, que o ato de recordar está vinculado à representação e é particular, ainda que a referência memorialística seja coletiva. Relacionando essa definição ao objeto do presente trabalho, apreende-se que a crônica pode ser considerada uma expressão da memória, uma vez que uma de suas vertentes se dá a partir da interpretação do autor de acontecimentos passados, sejam vividos por ele, sejam de conhecimento público.

Essa questão da interpretação leva a outro aspecto a ser aqui considerado: a leitura do mundo. Para o professor Adélio Melo (1990, p. 162), “interpretar consiste em iluminar uma perspectiva de um x qualquer, com isso, se deixando na penumbra outras perspectivas”. Ele acrescenta que a interpretação deve ser considerada na instância da plurivocidade, ou seja, um objeto (seja um texto, um discurso etc.) pode ser interpretado a partir de diferentes perspectivas.

Com base nessa explanação, supõe-se que é também tarefa do cronista interpretar os fatos que o circundam e, assim, narrar esses acontecimentos fundamentados na própria maneira de enxergá-los. Machado de Assis, conceituado romancista e cronista brasileiro do século XIX, descreve a atividade crônica com bom-humor, característica de seus textos, e reitera a tendência interpretativa e factualística ligada a ela.

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*; está começada a crônica (ASSIS, 2007, p. 27).

Nota-se que o autor destaca a trivialidade, atributo da crônica já citado acima, e ainda a proximidade com episódios ou sensações verídicas. Percebe-se, portanto, que o cronista parte de uma circunstância e, a partir dela, faz conjecturas e abstrações, devaneia, apresenta conceitos e concepções, traça comentários, fabuliza o real, idealiza personagens e floreia o texto. Isso denota aspectos da interpretação, ou seja, da leitura do mundo que o cronista faz por meio de seus relatos.



Essa conduta nada se parece com aquela esperada aos jornalistas e repórteres, presa a uma suposta imparcialidade, ainda que os profissionais da notícia tenham muito em comum com os cronistas. Essa semelhança se justifica porque ambos pautam suas atividades em textos e, muitas vezes, em fatos — aqueles, fatos de interesse público; estes, fatos irrisórios e/ou cotidianos.

Outrossim, o suporte de inserção da crônica é também o jornal. Sobre isso, Antonio Candido (1992, p. 14) afirma que a transitoriedade dos veículos jornalísticos está arraigada à crônica. Segundo ele, esta foi feita para “essa publicação efêmera, que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha”. Outro autor que postula a respeito da relação entre a crônica e o jornal é Davi Arrigucci Júnior (1987, p. 53). Segundo ele, por ser publicada em um veículo “perecível”, a crônica “parece destinada à pura contingência”.

Em resumo, apreende-se que os jornais são o espaço apropriado para a circulação da produção dos cronistas não somente pela intenção de explorar um conteúdo ameno e despretensioso em meio às catástrofes diárias, mas também pela própria natureza do texto e do veículo: factual e transitória.

Aliás, essa relação de proximidade entre a redação das crônicas e a formação das notícias leva a outro ponto a ser apresentado neste artigo: o caminho para a escrita. Visto que a fabricação jornalística e cronística é, comumente, diária, conclui-se que os autores de ambos os textos precisam estar “afinados” no que se refere à produção textual. Não há tempo ou lugar para elaborações sofisticadas. O que precisa ser dito, deve estar condensado em um texto sucinto e objetivo; não somente pelo espaço para que é destinado, mas ainda pelo curto período que o escritor dispõe para produzi-lo.

Em relação às crônicas, especificamente, essa rotina peculiar leva muitos autores a criar textos metalinguísticos³, isto é, crônicas que descrevem a própria atividade de produzi-las. Além de Machado de Assis, já citado acima, Carlos Drummond de Andrade também tinha esse hábito:

Não se exige do cronista geral a informação ou comentários precisos que cobramos dos outros. O que lhe pedimos é uma espécie de loucura mansa, que desenvolva determinado ponto de vista não ortodoxo e não trivial e desperte em nós a inclinação para o jogo da fantasia, o absurdo e a vadiagem de espírito. Claro que ele deve ser um cara confiável, ainda na divagação. Não se compreende, ou não compreendo, cronista faccioso, que sirva a interesse pessoal ou de grupo, porque a crônica é território livre da imaginação, empenhada em circular entre os acontecimentos do dia, sem procurar influir neles. Fazer mais do que isso seria pretensão descabida de sua parte. Ele sabe que seu prazo de atuação é limitado: minutos no café da manhã ou à espera do coletivo (ANDRADE, 1984, online).

Outro cronista que se dedicava a essas chamadas “crônicas metalinguísticas” é Rubem Braga (2003, p. 78-79): “Às vezes a gente parece que finge que trabalha; o leitor lê a crônica e no fim, chega à conclusão de que não temos assunto. Erro dele. [...] sempre carrego alguma coisa, que é o peso de minha alma”. Também Clarice Lispector (1984), contista e romancista por excelência, aventurou-se em meio às crônicas e narrou o ato de escrevê-las no texto intitulado “Ser Cronista”: “Aqui no jornal apenas falo com o leitor e agrada-me que ele fique agradado” (LISPECTOR, 1984, online).

3 Neste trabalho, compreende-se *metalinguagem* a partir da conceituação do linguista Roman Jakobson (2001). Segundo ele, há uma distinção entre dois níveis da linguagem na lógica moderna: a *linguagem-objeto*, que, como o nome já diz, fala de objetos; e a *metalinguagem*, que fala sobre a própria linguagem.



Logo, percebe-se que, para os cronistas, a atividade desempenhada por eles perpassa uma série de procedimentos que, além do próprio objeto das crônicas, também merecem ser expostos. Neste artigo, optou-se por denominar esses procedimentos como “caminho”. A princípio, há a observação. O autor atento repara, contempla, descobre e, fundamentalmente, recorda episódios que o levam a iniciar a escrita. Em seguida, os interpreta a partir de sua própria “leitura do mundo”. O próximo passo é, então, relatá-los, ou “maquiá-los”, a fim de que, embora tenham um “fundo de verdade”, não sejam intrinsecamente realistas. Esse é o caminho para a escrita da crônica.

Na seção abaixo, exploram-se esses referidos aspectos por meio dos textos da campista Walnize de Carvalho, publicados em dois jornais do município de Campos dos Goytacazes. Em suas crônicas, a autora valeu-se de sua memória, da observação, da interpretação dos fatos que a circundavam no ambiente em que estava inserida e ainda relatou sua rotina como cronista e profissional da palavra.

4. A Campos e a campista Walnize Carvalho

A relevância de Campos no que tange à produção lítero-jornalística é reconhecida por importantes autores os quais se debruçaram sobre a história do município. Entre eles está Horácio Sousa (2014, p. 401), que em 1935 publicou o livro *Cyclo Áureo — História do 1º centenário de Campos* e nele qualificou o município como a “capital do intelectualismo fluminense”. A fim de justificar tal afirmativa, o autor destacou que Campos foi a primeira vila ou povoação provincial a possuir imprensa e, de 1835 a 1885, aproximadamente 110 jornais foram publicados nessa cidade.

Essa efervescência foi lembrada ainda antes por Múcio da Paixão (1924) no livro *Movimento Literário em Campos*. Aliás, este autor apontou que foi por intermédio da atividade jornalística que se caracterizou a “propulsão em favor das letras em Campos” (PAIXÃO, 1924, p. 15). Múcio afirmou que a primeira fase da cultura literária nesta província foi exercida no jornal e que o jornalista foi, então, o primeiro servidor das letras nesta região: “foram dessa ordem as primeiras manifestações intelectuais dos que pensavam, sentiam e tinham necessidade de transmitir ao papel impresso as suas opiniões, no louvável intento de espalhar ideias” (PAIXÃO, 1924, p. 17).

Aos autores campistas restavam então os jornais locais e, mais tarde, as revistas literárias para a publicação de suas obras, qualificando a imprensa como fator determinante para a formação literária em Campos. O professor Sérgio Arruda de Moura (2012, p. 59) contribui para esta explanação ao declarar que “imprensa, escritor-jornalista e aparelhos formam o tripé básico da instituição literária”. A partir dessa contextualização, fica clara a importância que os jornais tiveram para os literatos campistas ao longo da história e, com o passar dos anos, não foi diferente.

Um dos mais prestigiados autores campistas, José Cândido de Carvalho, também iniciou sua carreira em jornais de Campos a partir da década de 1920, quando atuou como redator e revisor, antes de se firmar como romancista. Outro importante autor do município que usufruiu da imprensa para a propagação de sua obra foi Waldir Pinto de Carvalho, já na década de 1980. Este publicava nos jornais *A Notícia* e *Monitor Campista* aos domingos, em forma de folhetim, as histórias que, antes, contava nas rádios e, posteriormente, nos livros. E não foi por acaso que sua filha, Walnize Carvalho, se enveredou pelas letras — mais precisamente para as letras difundidas nos jornais.

É sobre a obra desta autora que se constitui este trabalho. Ao contrário do pai, que também se dedicava a contos e romances, Walnize aplica-se às crônicas e entre os anos 2002



e 2017, ela escreveu semanalmente; primeiro para o *Monitor Campista*, mas após o fim deste jornal em 2009, seguiu para *O Diário*, onde também permaneceu até o fechamento, em 2017.

A partir da leitura, percebe-se que as crônicas escritas por Walnize e publicadas na imprensa campista abordam pontualmente as ideias desenvolvidas neste artigo: a leitura do mundo, a expressão da memória, e o caminho para a escrita. Isso porque são muitos os textos que tratam de temas relacionados à cidade de Campos, às vivências particulares da autora e também às agruras e deleites da atividade cronística.

4.1. As crônicas de Walnize Carvalho

Em suas crônicas, Walnize descreve os lugares que costumava visitar com frequência, recorda seus tempos de menina e moça, e relata a rotina do exercício da escrita. Apoiando-se nesta tônica, escolheram-se seis textos da referida autora para a descrição e breve análise neste artigo. A seleção qualitativa desses textos deu-se unicamente pela temática abordada pela autora, e a quantitativa, pela natureza concisa deste trabalho.

Logo, esta seção é dedicada ao detalhamento dos textos. A fim de destacar semanticamente as passagens do texto, optou-se por buscar sua ideia central a partir das insinuações da autora, método prático e técnico de organização metodológica. Objetiva-se, portanto, citar alguns trechos das crônicas selecionadas e, por meio deles, relacionar às ideias esmiuçadas nas duas primeiras seções deste artigo.

As crônicas escritas pela Walnize Carvalho escolhidas para descrição e análise são:

Título	Veículo	Data da publicação
<i>Farol com chuva</i>	Monitor Campista	28/01/2007
<i>Jeito de escrever</i>	Monitor Campista	22/04/2007
<i>Sob o sol da planície</i>	Monitor Campista	19/10/2008
<i>Mergulhando nas lembranças</i>	Monitor Campista	18/10/2009
<i>A volta à Rua do Gás</i>	O Diário	24/03/2012
<i>O ofício da palavra</i>	O Diário	05/06/2016

Percebe-se que somente pelos títulos das crônicas, já é possível apreender o teor das enunciações de Walnize: ela lembra, exalta, descreve e conta “causos” vividos, sentidos, percebidos e/ou observados. Na primeira, *Farol com chuva*, a autora dedica-se à recordação. Tanto que, logo no primeiro parágrafo, já diz a que veio: “Uma coisa é viajar no imaginário, entrar no túnel do tempo e resgatar lembranças; outra é voltar ao velho cenário e sentir na pele, olhos e coração o passado-presente” (CARVALHO, 2007, s/p).

Nesta referida crônica, Walnize rememora a infância e adolescência na praia do Farol de São Thomé, em Campos dos Goytacazes, onde costumava veranejar com a família. Ela descreve algumas das tradições desse período: “De verões chuvosos relembro o passeio à



tardinha pelas ruas empoçadas — eu, irmãs, colegas e primas — sob barracas coloridas de praia. Íamos logo ver o belo espetáculo do mar bravio” (ibidem). Nota-se, aqui, a evidência de um dos aspectos desenvolvidos nas primeiras seções deste artigo: a expressão da memória.

A utilização do tempo verbal no presente do indicativo nos parágrafos iniciais e finais da crônica, e do pretérito imperfeito no centro do texto, também contribui para a apreensão de que a narrativa corresponde a rememoração de uma vivência do passado: “Eis que **retorno** neste verão à casa da infância e adolescência” (2º parágrafo); “**Voltávamos** para casa. **Entrávamos** buscando diversão” (11º parágrafo); “Eis que a neta **retorna** da caminhada no Calçadão e **comunica**” (15º parágrafo) (ibidem).

A ideia central desta crônica memorialista também está presente na última sentença: “Diante dos meus olhos um embaralhar de lembranças” (ibidem). Nota-se, portanto, um tom de saudade e melancolia no referido texto, que apresenta experiências particulares da autora.

Análogo tema pode ser compreendido em outro dos textos selecionados: *Mergulhando nas lembranças*. Esta crônica, escrita poucos anos depois, também versa sobre rememoração. “A cena aparece límpida perante meus olhos: eu, primos e irmãs (após café da manhã) trocávamos rapidamente os trajes de dormir pelos de banho de mar. E nem consultávamos o tempo! O importante era não perder tempo...” (CARVALHO, 2009, s/p). Bem como fez na crônica anterior, nesta Walnize também narra acontecimentos vividos por ela e familiares na praia campista durante o verão. “Éramos, tão somente, crianças felizes e despreocupadas curtindo férias na praia do Farol de São Tomé” (ibidem).

Nos parágrafos finais deste texto, a autora extrai apreensões a respeito dessas lembranças de veraneio e declara que aquelas vivências memoráveis exercem influência sobre a narradora no tempo presente:

Em tempos atuais tenho pelo mar (principalmente, o da praia campista e lugar escolhido de férias das netas) admiração e respeito. Gosto de postar-me à sua frente e meditar. É como se estivesse em um santuário a ouvir cantos gregorianos que são substituídos pela melodia do bater de suas ondas. Perante gigantesca beleza extraio lições de sabedoria para um viver harmonioso: ora mergulho fundo em busca de soluções para os desafios; ora mergulho raso quando assumo minhas limitações (CARVALHO, 2009, s/p).

Logo, conclui-se que, como explicitado na segunda seção deste artigo, o resgate da memória particular e/ou coletiva é um dos aspectos intrínsecos do gênero textual crônica e pode ser observado no catálogo da escritora campista. Outra ideia exposta por Walnize e desenvolvida neste artigo é a leitura do mundo, isto é, a referência e interpretação de aspectos relacionados a acontecimentos externos e/ou lugares específicos e reais. Entre as crônicas selecionadas, duas tratam dessa temática: *Sob o sol da planície* e *A volta à Rua do Gás*.

Na primeira, Walnize narra sua rotina ao acordar e cita alguns locais que costuma visitar em Campos. Entre esses pontos estão as ruas Aquidaban, Ouvidor, João Pessoa, Andradas e Carlos de Lacerda; algumas lojas icônicas da cidade como a Feira Livre, Luiz XV, A Noiva, Bataclan, Maracanã dos Retalhos, Pernambucanas, Casa do Alumínio, Casa Mothé, etc.; e outros prédios como o do Rádio Jornal Fluminense, o Teatro Trianon e o *Monitor Campista*. Neste texto, a autora também menciona alguns nomes conhecidos por ela como o “seu” Jorge, “seu” Pedro e o casal Nágila e Jamil. Percebe-se, então, a familiaridade de Walnize com a cidade em que vive, com os locais em que frequenta e com os indivíduos que encontra pelo caminho percorrido diariamente.

Já na segunda crônica, o título já aponta o nome de uma importante via de Campos, a Rua do Gás (atualmente nomeada Rua dos Goytacazes). Neste texto, a autora também menciona pontos comuns aos campistas e principalmente a ela, que passou a infância nesse



local e, segundo conta no texto, retornou anos depois. Entre os lugares citados na crônica estão, por exemplo, o 8º Batalhão da Polícia Militar, a Rua Formosa, o campo do Goytacaz, a Ponte da Lapa, o Externato Regina, o Centro Esportivo Fluminense, o Horto Municipal, entre outros.

Nos dois textos, Walnize expõe a sua relação afetuosa e particular com esses locais por que passou e com as pessoas com quem conviveu no período em que escrevia para os jornais. A narradora não somente aponta, mas também interpreta, assimila e constata. Essa ocorrência pode ser observada nos seguintes trechos: “Atravessei a rua com um nó atravessado na garganta e a constatação de que a Rua João Pessoa é a cara da cidade. Nela, o ditado ‘o sol nasceu para todos’ ficou patenteado, pois no ramo de roupas e calçados, lojas-irmãs não se estranham” (CARVALHO, 2007, s/p) e “E aqui estou eu, convivendo com o passado e o presente em clima de total harmonia, onde ambos exercem a verdadeira política ‘da boa vizinhança’” (CARVALHO, 2009, s/p).

Esses apontamentos confirmam o que foi dito na segunda seção deste artigo: a “leitura do mundo” é assunto recorrente entre os cronistas, uma vez que esse gênero textual é pautado na cotidianidade — e não há nada mais cotidiano que a cidade, como bem apontou Sérgio Arruda de Moura (2012, p. 63): “a cidade [...] trata-se de um texto em constituição à espera da leitura”.

O terceiro tema apontado neste artigo e encontrado nas narrações de Walnize Carvalho é a metalinguagem, ou seja, crônicas que descrevem o exercício de escrever crônicas. Dois textos selecionados neste trabalho tratam dessa temática; são eles: *Jeito de escrever* e *Ofício da palavra*. Em ambos, a autora enuncia a prática da escrita para os jornais e expõe aos leitores, no texto, suas reflexões sobre este. Na segunda seção deste artigo, apresentou-se alguns exemplos dessa atividade metalinguística em crônicas de outros importantes autores do gênero, como Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga e Clarice Lispector. Agora, nota-se esse mesmo exercício nos textos da autora campista.

Em *Jeito de escrever*, Walnize cita algumas de suas crônicas anteriores, narra o “ritual” habitual para a escrita e analisa sua prática própria. “Gosto de ‘cronicar’ o dia-a-dia com relatos poéticos ou humorados e, por que não, irreverentes” (CARVALHO, 2007, s/p). Já em *Ofício da palavra*, a autora se dedica a questionar as particularidades do gênero textual em que se entrega:

Para quem convive semanalmente com palavras, agrupando-as em um texto [...] vez por outra se é questionado: — Em que gênero se enquadra sua criação literária? Respondo com humor: — Depende da água que puxo no poço de minha imaginação. Depois de recolhê-la derramo sobre a tela do computador em forma de versos ou prosa poética (CARVALHO, 2016, s/p).

Escritos em um intervalo de nove anos, os dois textos têm a mesma essência: a análise crítica da atividade cronística. Walnize Carvalho desenvolve suas impressões sobre a profissão que exerce, ora apontando os temas recorrentes e examinando o motivo por trás dessas escolhas — “No início deste ano, período de férias das netas, descambei a falar do convívio com elas, o que fez com que mexesse no meu baú de recordações” (CARVALHO, 2007, s/p) —, ora expondo a opinião a respeito do gênero textual em questão. Tanto que, no segundo texto, a autora faz ainda um contraponto com outros gêneros, como o artigo, o conto e o poema, e decreta: “Me identifico com um fato miúdo; com uma cena corriqueira; com uma notícia em que não se prestou atenção e que entra na contramão dos assuntos do jornal; com trivialidades que se transformam em crônicas” (CARVALHO, 2016, s/p).



- ASSIS, M. O nascimento da crônica. In: *As Cem Melhores Crônicas Brasileiras*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2007.
- BERGSON, H. *Matéria e memória*. Trad. Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BRAGA, R. *As coisas boas da vida*. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- CAMPOS DOS GOYTACAZES. Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes. Superintendência de Comunicação Social. *Arquivo Público revisita história do escritor Waldir Pinto de Carvalho*. 2017. Disponível em: <https://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id_noticia=40216>. Acesso em: 02 abr. 2018.
- CANDIDO, A. A vida ao rés-do-chão. In: _____ . *et al. A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- CANDIDO, A. A vida ao rés-do-chão. In: ANDRADE, C. D. *et al. Para gostar de ler: crônicas*. São Paulo: Ática, 1980. Disponível em: <<http://grad.letras.ufmg.br/arquivos/monitoria/Antonio%20Candido%20A%20VIDA%20AO%20R%C3%89S%20DO%20CH%C3%83O.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2018.
- COELHO, M. Notícias sobre a crônica. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (org.). *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2002.
- COUTINHO, A. Ensaio e crônica. In: COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria (org.). *A literatura no Brasil*. 4 ed. São Paulo: Global, 2003, p. 117-43.
- JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 2001.
- LISPECTOR, C. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2033379/mod_folder/content/0/SER%20CRONISTA%20Clarice%20Lispector.pdf?forcedownload=1>. Acesso em: 22 fev. 2018.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Fundamentos de metodologia científica*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MELO, A. A primeira ordem de interpretar. *Revista da Faculdade de Letras*. Série de Filosofia, n. 7. Portugal: Universidade do Porto, 1990. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1760.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2018.
- MOISÉS, M. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1989.
- MOURA, S. A. Literatura, imprensa e cidade: a constituição do campo literário no Brasil. *Vértices*, Campos dos Goytacazes/RJ, v. 14, n. Especial 2, p. 55-66, 2012. Disponível em: <<http://essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/vertices/article/view/1809-2667.20120044/1389>>. Acesso em: 26 mar. 2018.



PAIXÃO, M. *Movimento literário em Campos* - Notícias sobre alguns poetas e prosadores campistas. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, de Rodrigues & C., 1924.

Disponível em: <http://bibliotecavirtual.camaracampos.rj.gov.br/?option=com_flippingbook&view=book&id=272&page=1>. Acesso em: 26 mar. 2018.

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <<http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

REDMOND, W. V. Aspectos da crônica no Brasil: uma reflexão crítica. *Verbo de Minas*, v. 9, n. 17, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://seer.cesjf.br/index.php/verboDeMinas/article/download/238/145>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

SÁ, J. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1987.

SIQUEIRA, W. *Panorama da literatura campista*. Campos dos Goytacazes: Instituto Campista de Literatura, 1986. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.camaracampos.rj.gov.br/?option=com_flippingbook&view=book&id=96&page=1>. Acesso em: 26 mar. 2018.

SIMÕES, A. A evolução da crônica como gênero nacional. *Revista Estação Literária*, Londrina, Vagão-volume 4, p. 49-61, 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL4Art5.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

SOUZA, M. J. A memória como matéria prima para uma identidade: apontamentos teóricos acerca das noções de memória e identidade. *Revista Graphos*, v. 16, n. 1, p. 91-117, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/viewFile/20337/11264>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

SOUSA, H. *Cyclo Áureo - História do Primeiro Centenário de Campos 1835-1935*. Campos dos Goytacazes: Essentia Editora, 2014.